

A adaptação e validação adequada de testes e escalas para avaliação neuropsicológica e de qualidade de vida são fundamentais, sobretudo no contexto de pacientes com epilepsia, uma vez que estes testes são utilizados na avaliação pré e pós-operatória.

A simples tradução destes testes pode resultar em interpretações equivocadas devido a inúmeros fatores socioculturais e lingüísticos.

Neste número, Noffs et al. apresentam uma análise a respeito das diferenças culturais no desempenho cognitivo de pacientes com epilepsia do lobo temporal e epilepsia mioclônica juvenil através da escala WAIS-III; talvez o conjunto de testes mais utilizado em todo mundo para avaliação cognitiva em diferentes condições clínicas e também em indivíduos sadios. Se por um lado a ampla utilização deste teste apresenta vantagens no sentido de uma “padronização” da avaliação entre os diferentes centros em cada país, por outro lado, diferenças socioculturais podem colocar por terra esta tão esperada “padronização”. O trabalho de Noffs et al. mostra *“que a interpretação do nível intelectual é muito distinta quando corrigida segundo normas brasileiras ou norte-americanas. Há também diferença na análise qualitativa do desempenho intelectual, uma vez que o estudo das discrepâncias internas variou conforme a norma populacional utilizada”*. Estudos como este devem ser encorajados, e se possível, conduzidos de uma forma multicêntrica envolvendo diferentes regiões do país.

Ainda neste mesmo número, Silva et al. apresenta resultados preliminares da tradução e adaptação cultural da Escala de Gravidade de Crises (EGC) (*Seizure Severity Questionnaire*) com objetivo de avaliar o impacto da freqüência de crises. O EGC poderá ser utilizado como um excelente instrumento para análise de freqüência e impacto das crises em estudos longitudinais na avaliação de terapêuticas clínicas e cirúrgicas em estudos multicêntricos internacionais, desde que validado de forma adequada para cada país e região.

Os dois artigos de revisão deste número, *Ressonância magnética funcional de memória: onde estamos e onde podemos chegar*, e *Epilepsia do lobo temporal mesial associada à esclerose hipocampal*, trazem uma excelente atualização dos temas e dados dos próprios pesquisadores, mais uma vez demonstrando o alto nível científico da epileptologia brasileira.

Fernando Cendes
Editor